



Francisco Simões
Investigador Auxiliar ISCTE

Tony Carreira e a hipocrisia das elites

Veio o apagão e durante aquelas dez ou doze horas voltou o país ao modo “vai ficar tudo bem”. Cada um desenhou mentalmente o seu arco-íris, acreditando que seria desta, sem energia e todas as suas vantagens e comodidades, que a humanidade teria remédio. O deslumbramento não durou assim tanto. Ao fim de meia hora, a humanidade afinal colapsara ou não estivesse ela privada de um bem de primeiríssima necessidade: as redes sociais. Pior, fora interrompida a discussão do momento, aquele dueto entre Luís Montenegro e Tony Carreira, nos jardins de São Bento.

Retomando esse debate AP (antes do apagão), convém sublinhar que bem sabemos o que por ali se passou. Em tempo de campanha, permitem-se exageros e dislates, sobretudo aqueles que aproximam os líderes partidários da massa popular. E por serem repetidos e bastante tontos são também muito notados. Cá para os meus lados, também não me esqueci, ainda, de ver António Costa de avental, quase sufocando de como de espartilho se tratasse, co-

zinhando a sua famigerada cataplana de peixe no programa da Cristina. A diferença está na utilização dos meios. Montenegro montou a propaganda em pleno Palácio de São Bento, com os recursos do

Se Tony Carreira não pode atuar nos jardins de São Bento simplesmente porque simboliza um determinado imaginário com que as elites convivem mal, então o 25 de Abril está, pelo menos, incompleto.

Estado. Agora, já ninguém à direita discute os custos das comemorações dos 50 anos do 25 de Abril ao centímetro. Sim, também demos conta dessa dualidade de critérios.

Sendo grave, não é esse o debate mais revelador em torno do dueto Carreira/Montenegro. As críticas mais acintosas, vindas

sobretudo das elites, particularmente dos guardiães da cultura e dos donos do 25 de Abril, realçam outro aspeto: Tony Carreira não pertence ali. Pior: a sua presença degrada o teor, a finalidade, a aspiração da festa. Traduzindo, há por ali povo a mais.

É muito interessante o modo como o povo é retratado na sua relação com o 25 de Abril, bem como com os círculos de poder, a partir deste episódio. Para que seja aceite, e não necessariamente incluído, resta-lhe cumprir três papéis. Desde logo, o povo é bom enquanto permanece como uma abstração, massa informe, indistinta, para quem as elites trabalham, justificando o seu poder e o respetivo acesso aos recursos, através de atos eleitorais. O povo também é ótimo enquanto cenário, particularmente no 25 de Abril, em especial quando imita, ingenuamente, as elites, discutindo conceitos como capital e propriedade, imbuídos do coletivismo da época. Essa faceta é, aliás, bem retratada no documentário *Torre Bela*, de Thoman Harlan. Um magnífico registo, diga-se de passagem e um pouco a despropósito. Mas o povo

só está no seu melhor quando se remete aos seus espaços próprios de expressão cultural: a praça da vila ou da aldeia, o arraial de verão, tudo bem pontuado pelo cheirinho a bifana e churros. Aí é pitoresco, genuíno e espontâneo. É o que dele dizem as elites, saindo do arraial, enquanto maldizem o cheiro a fritos que se impregnou na roupa.

Dizem alguns que o 25 de Abril continua por cumprir. Não sei bem o que isso significa. Sei que misturar propaganda com um momento comemorativo é inaceitável. Mas também sei que se Tony Carreira não pode atuar nos jardins de São Bento simplesmente porque simboliza um determinado imaginário com que as elites convivem mal, então o 25 de Abril está, pelo menos, incompleto. Há mais Portugal para além dos perímetros do poder com direito a existir. E ele existe todos os dias e não apenas em tempo de corrida aos votos. ■

